

KLHO, F. F. P. Os intelectuais da desescolarização: Ivan Illich e John Holt num diálogo político e pedagógico. In: IX Congresso Brasileiro de História da Educação, João Pessoa, 15-18 ago. 2017. **Anais Eletrônicos**, 2017.

Pra começo de conversa

O estudo mais amplo, do qual este constitui parte, trata da discussão do processo de eventual regulamentação da educação domiciliar no Brasil. Com base nesse debate, o artigo preocupa-se em analisar o pensamento de dois intelectuais que questionam a escolaridade obrigatória, instituindo o que se pode denominar de teoria da desescolarização. John Holt e Ivan Illich foram contemporâneos no tempo e convergentes no estudo da desescolarização da sociedade. Nos anos finais da década de 1960, ambos publicam seus escritos acerca da teoria da desescolarização, seja do ponto de vista político (Illich) ou do ponto de vista pedagógico (Holt). Enquanto Ivan Illich faz uma crítica sociológica à escola, indicando a obrigatoriedade dessa instituição como responsável pela polarização nefasta da sociedade, bem como a inviabilidade econômica para que um país mantenha um sistema escolar capaz de satisfazer as demandas que esse mesmo sistema cria, John Holt se apoia na teoria de que as pessoas adquirem a maior parte de seu conhecimento fora do ambiente escolar. Os estudos de Holt investigam, pedagogicamente, como as crianças aprendem e concluem que aprendem sem ser ensinadas. Daí sua inferência sobre a desnecessidade de uma instituição responsável pelo ensino, tendo em vista que a aprendizagem independeria dele. Assim, a proposta deste estudo constitui-se em analisar como as concepções de Illich e Holt sobre a desescolarização têm lugar no debate atual acerca da educação domiciliar. Além disso, o estudo também pretende contribuir no confronto entre dois extremos, a teoria da desescolarização e a teoria de contorno positivista que defende o Estado como gestor exclusivo da educação. Somado ao referencial de Illich (1973) e Holt (1999 e 2006), traça-se um diálogo com Gomes e Hansen (2016), a fim de relacionar a mediação dos intelectuais, teóricos do fenômeno da desescolarização, com a educação domiciliar na contemporaneidade. Estudos de Canário (2002), sobre crise na escola, e de Vasconcelos e Morgado (2014), acerca dos desafios à educação obrigatória, ajudam a compor o referencial bibliográfico que busca compreender a fenomenologia crescente¹ e atual da educação domiciliar. Os procedimentos metodológicos remetem a um estudo comparativo das ideias e, conseqüentemente, da teoria da desescolarização, através da análise dos escritos de Ivan Illich e John Holt, bem como sua trajetória de estudos e produção bibliográfica, permitindo uma investigação empírica dessas ideias. Dessa análise, numa atitude crítico-constructiva, é possível concluir, por antecipação, que a teoria da desescolarização, defendida por Ivan Illich e John Holt, constitui antítese indispensável para a construção do atual debate a respeito da regulamentação legal da educação domiciliar no Brasil.

Compreender e distinguir os termos usuais deste artigo, quais sejam, desescolarização e educação domiciliar, torna-se fundamental para estabelecer o alcance do debate, delimitando em que esses conceitos se aproximam e se afastam, bem como os contextos em que se aplicam evitando-se, assim, o uso indiscriminado e incorreto da terminologia própria do estudo. Os termos

1 Dados da Associação Nacional de Educação Domiciliar (ANED) indicam que, nos últimos 5 anos, o número de famílias que optam por esse tipo de educação para os filhos passou de 359 famílias adeptas em 2011 para 3201 famílias em 2016. Esses dados foram obtidos nos autos do RE 888.815/STF.

desescolarização e educação domiciliar são distintos dentro do campo de estudo que se debruça sobre uma educação realizada fora da instituição escolar. Sendo assim, a conceituação de ambos se torna indicada.

O termo *desescolarização*, segundo Édison Prado de Andrade, em sua tese de doutorado (2014, p. 19), foi cunhado originalmente pelo escritor americano John Holt no livro *Teach Your Own* (1981). Significaria um processo inicial que, posteriormente, culminaria na *homeschooling* ou educação domiciliar, ou seja, um modelo de instrução que elimina “qualquer referência à realidade escolar”. Contudo, parece que o termo em inglês, *unschooling*, representa o pensamento de eliminação social da escola, considerando os argumentos, a seguir expostos, de sua desnecessidade para o processo de aprendizagem das pessoas e não apenas a educação realizada em casa. Para a teoria da *desescolarização*, torna-se prudente a desinstalação da instituição escolar da sociedade por razões que serão tratadas adiante.

A *desescolarização*, conforme defendida por alguns intelectuais da educação, consistiria no processo de desinstalação da instituição escolar como responsável pela aprendizagem das pessoas, tendo em vista que “a maioria das pessoas [adquiriria] a maior parte de seus conhecimentos fora da escola” (ILLICH, 1973, p. 37). Trata-se de uma tese radical que, por isso, recebe muitas críticas de grande parte dos intelectuais da educação que acreditam ser a escola a responsável pela igualdade e ascensão social. Na contramão, vozes da *desescolarização*, grande parte defensores do anarquismo como sistema político-social, baseados, principalmente, nas ideias de Ivan Illich, sustentam ser a escolarização obrigatória responsável pela polarização da sociedade.

Já a educação domiciliar, ou *homeschooling*, termo em língua inglesa como é internacionalmente referido, seria a educação de crianças em idade escolar sob acompanhamento geral de seus pais, substituindo, em tempo integral, o atendimento em um *campus* escolar (LINES, 1999, p. 4). Segundo Alexandre Magno Fernandes Moreira, a educação domiciliar “consiste na asunção pelos pais ou responsáveis do efetivo controle sobre os processos instrucionais de suas crianças ou adolescentes” (MOREIRA, 2016, p. 47). Para os defensores da educação domiciliar, não haveria a necessidade de desinstalação da instituição escolar da sociedade, sendo que ambas as modalidades de se prover ensino e educação formal, quais sejam, educação na escola e educação “na casa”, poderiam coexistir sem prejuízos, atendendo a ambos os anseios e necessidades. A educação domiciliar, assim, apresenta-se como uma alternativa à escola formal que, sem deixar de prover o dever de educação para as crianças e adolescentes, o faz sem o envio destes a uma instituição específica para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem que, por sua vez, ocorreria de forma integral sob a responsabilidade da família.

Não obstante, necessário registrar que outras nomenclaturas existem quando compulsamos trabalhos que se dedicam a esta temática, com o objetivo de referir à educação realizada sob responsabilidade exclusiva da família, sem envio obrigatório a uma instituição destinada ao fim educativo. Dentre essas nomenclaturas, já foi possível cunhar as seguintes: educação “na casa”, educação domiciliar, *homeschooling*, educação doméstica, educação *desescolarizada*, educação em família, “instrução dirigida pelos pais”² além de tantas outras que ainda podem ser criadas para indicar um tipo de educação realizada sem a institucionalização obrigatória da escola.

Por fim, considerando que esse artigo se propõe a por em diálogo teórico dois intelectuais da *desescolarização*, por intelectual entenda-se aquele que tem engajamento na vida social e que

2 Expressão sugerida por Alexandre Magno Fernandes Moreira em O Direito à Educação Domiciliar, ebook produzido em 2016 pelo assessor jurídico da Associação Nacional de Educação Domiciliar (ANED).

realiza mediação, sendo necessário que sejam evidentes sua notoriedade ou “especialização”, reconhecidas pela sociedade em que vive (SIRINELLI, 2003, p. 243). Considerando que os intelectuais são mediadores por excelência, estruturar um estudo a partir de suas ideias contribui para a compreensão política e social do tema com base na mediação que realizaram, além de existirem indícios historiográficos do crescimento do interesse por objetos de pesquisa que envolvam os intelectuais (GOMES e HANSEN, 2016, p. 7). Estudar os intelectuais vem tornando-se um campo histórico autônomo e aberto porque permite cruzar história política, social e cultural (SIRINELLI, 2003, p. 232).

A escolha dos intelectuais trazidos para essa discussão não foi, obviamente, aleatória. Partiu da característica que cada um, em suas obras, apresentou sobre a temática da desescolarização. Assim, considerando a mediação que esses dois intelectuais, Ivan Illich e John Holt, realizaram no campo da sociologia, da pedagogia, da política e da cultura, o relato lacônico de suas biografias, de suas ideias sobre a desescolarização, bem como de sua produção bibliográfica, contribui para a ampliação e aprofundamento da discussão que envolve, como pano de fundo, a escolarização obrigatória e a eventual liberdade de escolha pela educação domiciliar.

Falando de Ivan Illich

A maioria dos homens tem seu direito de aprender cortado pela obrigação de frequentar a escola.

Ivan Illich

Ivan Illich foi um pensador crítico das instituições sociais, notadamente a escola. O radicalismo de suas ideias fez com que ficasse conhecido como o “pai da educação sem escola”, tendo em vista que ele condena, imperdoavelmente, o sistema escolar por considerá-lo o mais anacrônico dentre as instituições públicas. Essa anacronia da escola se deve ao fato de sua incapacidade de adaptação à “celeridade das transformações”, não servindo senão à “estabilização e à proteção da estrutura social que as produz” (GAJARDO, 2010, p. 12).

Austríaco, nasceu em Viena, em 04 de setembro de 1926, embora de pai iugoslavo e mãe judia³. Aos 5 anos, abandonou a Áustria indo morar em Roma. Estudou teologia e filosofia em estabelecimentos religiosos, tornando-se doutor em história. Em 1951 foi ordenado sacerdote e nomeado para uma paróquia em Nova Iorque, defendendo as causas dos imigrantes vindos de Porto Rico. Exerceu o cargo de vice-reitor da Universidade Católica de Porto Rico, sendo que, depois, migrou para Cuernavaca, no México. De volta a Nova Iorque, agora como professor catedrático, simultaneamente, fundou, no México, o Centro Intercultural de Documentação que, de local para formação de missionários para a América Latina, se transformou em um centro parauniversitário onde Illich podia colocar em prática suas ideias sobre “educação desescolarizada” (GAJARDO, 2010, p. 13). Segundo Marcela Gajardo, neste Centro, outros numerosos intelectuais, americanos e latino-americanos, puderam refletir sobre problemas de educação e cultura. Dentre esses intelectuais está Paulo Freire, que debateu com Illich sobre educação, escolarização e conscientização. Illich, um feroz crítico da ação missionária tradicional da Igreja Católica, abandona-a em 1969, passando a dedicar-se exclusivamente à sua vida acadêmica como pesquisador, escritor, conferencista e professor. Morreu de câncer, no dia 02 de dezembro de 2002, em Bremen, cidade do norte da Alemanha que mantinha a universidade na qual Illich era docente.

3 Esse relato está baseado na cronologia apresentada por Marcela Gajardo em Ivan Illich, 2010, p. 145-146.

Embora a obra mais famosa de Ivan Illich, *Deschooling society* (1971), que recebeu em português a tradução *Sociedade sem escolas*, leve a acreditar que ele foi um intelectual dedicado ao estudo da instituição escolar, seu viés editorial não se restringiu à questão educacional. Pelo contrário, Illich não fez em sua bibliografia uma análise exclusiva da escola, mas sim da institucionalização de uma forma geral. É possível confirmar essa afirmação com a análise do Quadro 1, abaixo, que colaciona as obras de Ivan Illich traduzidas em português.

QUADRO 1
OBRAS DE IVAN ILLICH EM PORTUGUÊS

ANO	TÍTULO	EDITORA	SINOPSE
1971	Libertar o futuro	Publicações Dom Quixote	Trata-se de um livro-relato alertando o homem a abrir os olhos para a farsa, mantida pelos detentores do conhecimento, do dinheiro e do poder, de que os pobres devem viver em um modelo que os ricos têm feito para seu próprio uso.
1973	Sociedade sem escolas	Vozes	Considerada a maior obra de Illich. Desenvolve ideias sobre a inviabilidade da educação universal pela escolarização, bem como a necessidade de se desescolarizar o <i>ethos</i> da sociedade.
1973	Inverter as instituições	Moraes Editores	“A crise no ensino só pode ser resolvida por uma inversão da estrutura institucional. Pode ser dominada somente se as escolas actuais, com ou sem paredes, que preparam e autorizam programas para os estudantes, forem substituídas por novas instituições, assemelhando-se mais às bibliotecas e aos seus serviços anexos” (p. 34).
1974	A convivialidade	Publicações Europa-América	Enuncia uma teoria sobre a limitação do crescimento nas sociedades industrializadas e propõe uma nova organização pelo viés, entre outros, de uma nova concepção do trabalho e de uma “desprofissionalização” das relações sociais que concernem igualmente à educação e à escola.
1975	Celebração da consciência	Vozes	Escrito originalmente em francês e publicado em 1968, inaugura a série de trabalhos dedicados à educação. Critica violentamente a escola pública, denunciando sua centralização, sua burocracia interna e suas desigualdades.
1975	Energia e equidade	Sá da Costa	Obra que transcende a educação e se inscreve numa perspectiva mais ampla de reorganização da sociedade e do trabalho em função das necessidades do homem.
1975	A expropriação da saúde: nêmesis da medicina	Nova Fronteira	Sustenta que, assim como a escola “deseduca”, a medicina institucionalizada acaba por constituir um grave problema para a saúde. Aborda problemas políticos e institucionais que atingem as sociedades modernas altamente tecnicizadas e estratificadas.
1978	O direito ao desemprego criador	Alhambra	Prega o direito do desemprego útil: um conceito positivo, construtivo e até otimista, segundo o qual as pessoas são úteis a si mesmas e aos outros, mesmo estando fora da produção de bens para o mercado.

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nos estudos de Marcela Gajardo (GAJARDO, 2010, p. 148).

Suas reflexões, ou melhor, suas mediações enquanto intelectual, traduzidas em sua produção editorial, conforme exemplificado no Quadro 1, deixam evidenciada sua característica de sociólogo crítico da massificação imposta pela instituição escolar. Para ele, quase que numa utopia, haverá o dia em que o “Estado não fará leis para regulamentar a educação”, nem “haverá obrigatoriedade ritual para todos” (ILLICH, 1973, p. 35).

Os escritos de Ivan Illich em matéria de educação são, e uma parte, coletâneas de artigos de intervenções públicas reproduzidas em diversas línguas e, outra parte, obras que discutem temas como a educação, a saúde, os transportes, bem como formas possíveis de reorganização da sociedade futura – obras também difundidas em escala internacional (GAJARDO, 2010, p. 14-15).

Para o filósofo, escolarização e educação constituem conceitos antinômicos (GAJARDO, 2010, p. 16). Sendo assim, seria impossível conciliar a educação através da escolarização, dada a oposição desses dois termos. Talvez neste aspecto resida a grande resistência à teoria de Ivan Illich, pois sua proposta vai de encontro às teorias dominantes quanto à necessidade de disseminação e proliferação do modelo escolarizado de educação. Segundo Marcela Gajardo (2010), Illich “inicia a denúncia da educação institucionalizada e da instituição escolar como produtoras de mercadorias [...] em uma sociedade na qual aqueles que mais se aproveitam do sistema são os que dispõem de

um capital cultural inicial” (GAJARDO, 2010, p. 16).

Nesse aspecto, os escritos de Illich se aproximam teoricamente dos estudos do sociólogo francês Pierre Bourdieu que, nos anos de 1970, em conjunto com Jean-Claude Passeron, formulou uma resposta consistente, do ponto de vista da teoria e da empiria, para a questão das desigualdades escolares. Na contramão do pensamento dominante, que tentava estabelecer a escola como instituição responsável pela transformação social que garantiria progresso econômico e igualdade social, Bourdieu revoluciona com sua teoria de que a educação não teria o papel de “instância transformadora e democratizadora das sociedades”, passando a ser vista como instituição por meio da qual se mantém e se legitimam os “privilégios sociais” (NOGUEIRA, 2009, p. 14). Para Bourdieu, a escola seria concebida “como uma instituição a serviço da reprodução e da legitimação exercida pelas classes dominantes” (Idem, p. 71) e, desta maneira, não sendo neutra, não se prestaria à igualdade social a que se propõe.

Diferente do que defende Ivan Illich, e também John Holt, como veremos adiante, a desescolarização em Bourdieu se dá mais por aproximação de ideias do que por afirmações explícitas. Suas críticas ao sistema de ensino escolar não chegam a negar a existência da escola, mas apenas desvelar uma característica que muitos talvez neguem: a de que a escola não é a redentora da igualdade social, mas, ao contrário, pode ser sua maior vilã, reproduzindo as desigualdades identificadas na sociedade.

Retomando as ideias de Illich quanto à desescolarização, ele afirma categoricamente a necessidade de desinstalar as escolas da sociedade e apresenta em sua obra mais difundida, *Sociedade sem escolas* (1970), razões fundamentadas para que isso ocorra. Dentre essas razões, a questão econômica é uma delas, pois, segundo Illich, a escolarização obrigatória, igual para todos, deve ser reconhecida como economicamente impraticável (ILLICH, 1973, p. 32). Faz analogias radicais quando compara a escalada das escolas à escalada armamentista quanto ao potencial destrutivo (ILLICH, 1973, p. 33).

A igualdade de oportunidades na educação é meta desejável e realizável, mas confundir a com obrigatoriedade escolar é confundir salvação com igreja. A escola tornou-se a religião oficial do proletariado modernizado, e faz promessas férteis de salvação aos pobres da era tecnológica (ILLICH, 1973, p. 35).

A atuação sociológica e filosófica de Ivan Illich, bem como sua mediação enquanto intelectual (GOMES e HANSEN, 2016), contribuiu para permitir a reflexão sobre os problemas endógenos da instituição escolar. Seu radicalismo assusta, mas suas considerações não são desprovidas de fundamentação e, em razão disso, merecem ser levadas a cabo de um estudo contemporâneo do papel desempenhado pela escolarização obrigatória. Para os que afirmam que suas ideias estão descontextualizadas, se usadas para justificar o movimento atual pela desescolarização, penso que, diante da instalada crise da escola, essas ideias estão mais contextualizadas do que nunca. Não pela radical extinção da instituição escolar, mas sim pela necessidade de se considerar que a escola tem problemas e que precisam ser corrigidos.

Falando de John Holt

Aprender, pra mim, significa compreender o mundo a nossa volta e ser capaz de fazer mais coisas nele. Ter sucesso na escola significa lembrar das resposta às perguntas dos professores, tornar-se hábil em adivinhar as perguntas que farão e enrolá-los quando não se souberem as respostas.

John Holt

O outro intelectual ligado à teoria da desescolarização indicado para o diálogo que se propõe neste artigo é o norte-americano John Holt⁴. Nascido em 14 de abril de 1923, em Nova Iorque, contemporâneo de Illich no tempo, portanto, teve uma atuação mais pedagógica do que sociológica, na medida em que dedicou seus estudos e experiências às crianças e à reflexão sobre a natureza da aprendizagem. *How children fail* (1964)⁵ e *How children learn* (1967)⁶, além de *Learning all the time* (1989)⁷ são suas obras de maior influência na educação. Pelos títulos torna-se já possível inferir que sua preocupação concentrava-se no aspecto cognitivo, na aprendizagem em si mesma.

Por ocasião de sua morte, em 14 de setembro de 1985, os obtuários dos jornais americanos deram destaque à obra e aos estudos do educador John Caldwell Holt. Mas seus 62 anos de vida, interrompidos por um câncer, tiveram uma trajetória de muito estudo, pesquisa e comprometimento com a fundamentação de sua teoria de *homeschooling* que, por sua vez, não caberiam nas reduzidas linhas de um obituário. Embora não muito difundido no Brasil, John Holt gozava de certo prestígio nos Estados Unidos, em especial junto às famílias que faziam (e ainda fazem) opção por uma educação fora da instituição escolar.

Aos 20 anos de idade, John Holt ingressava na marinha estadunidense, sendo que 10 anos depois passou a ocupar o cargo de professor em diversas escolas como, por exemplo, *Colorado Rocky Mountain School*, *Shady Hill School*, *Lesley Ellis School* e *Commonwealth School*. Em 1968 tornou-se professor visitante da *Harvard University* e, no ano seguinte, do Departamento de Educação da *U. C. Berkely*. Entre seus escritos e palestras, fundou a *Holt Associates*, com o objetivo de lidar com educação e questões sociais. Em 1977 começou a publicar a revista bimestral *Growing Without Schooling* destinada ao ensino de crianças em casa.

Sua obra não pode ser considerada extensa, mas tem solidez, porquanto fruto de pesquisa empírica por anos de dedicada atividade como professor e escritor. Abaixo, no Quadro 2, é possível visualizar, de forma ampla, o conjunto das publicações editoriais de John Holt.

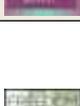
4 Muitas informações biográficas usadas neste ensaio foram obtidas em <http://www.johnholtgws.com>.

5 Como as crianças fracassam (tradução da autora).

6 Como as crianças aprendem (tradução da autora).

7 Esse livro, *Aprendendo o tempo todo* (tradução da autora), foi lançado pelos editores de John Holt mesmo após seu falecimento, em 1985, tendo em vista que o autor já havia deixado escritos suficientes para a composição da obra, bem como várias declarações escritas sobre seu propósito com esse estudo.

QUADRO 2
OBRAS EDITORIAIS DE JOHN HOLT

ANO ⁸	TÍTULO ⁹	IMAGEM DA CAPA	SINOPSE
1964	<i>How children fail</i>		Começou o movimento de reforma educacional que continua hoje, descrevendo ideias sobre como as crianças investigam o mundo, sobre problemas perenes da aprendizagem em sala de aula, testes, além do papel da confiança e autoridade em cada situação de aprendizagem.
1967	<i>How children learn</i>		Expõe um pensamento educacional que oferece aos professores e aos pais um conhecimento profundo e original sobre a natureza da aprendizagem precoce. Para crianças pequenas, "aprender é tão natural quanto respirar". Observa como aprendemos a falar, a ler, a contar e a raciocinar, além de como podemos nutrir e encorajar essas habilidades naturais nas crianças.
1969	<i>The underachieving school</i>		Traz uma coleção de ensaios e artigos escritos e compilados por John Holt, cada um cheio de inspiração e ideias sobre como ensinar as crianças, levando em conta as maneiras pelas quais as crianças realmente aprendem. Através de um pensamento original, há relatos do se que faz e não funciona na educação. Mostra a diferença entre a aprendizagem e a escolaridade.
1970	<i>What do I do monday?</i>		Segundo comentário publicado no <i>The Washington Post</i> , esse livro faz, literalmente, mil sugestões para abrir janelas para soprar o ar do mundo exterior para a sala de aula, tornando-o novo e tornando-o humano.
1972	<i>Freedom and Beyond</i>		"Podem as escolas fazer todas as coisas que pedimos que façam? São os melhores meios de fazê-lo? Existem outras ou melhores maneiras?" John Holt faz essas perguntas enquanto observa o papel que a educação escolar desempenha na educação. As soluções propostas marcam um ponto de viragem significativo no trabalho de Holt, sendo a base de toda a sua escrita subsequente e seu apoio à educação em casa. Este livro oferece uma compreensão histórica do movimento escolar livre dos anos 1960 e 1970, enquanto ainda está falando diretamente para o debate da reforma escolar de hoje. Este livro examina por que o sistema escolar não foi capaz de mudar em um período de mais de cinquenta anos, além de analisar a ligação de palavras como "disciplina", "autoridade" e "escolha" à instituição escolar.
1974	<i>Escape from childhood: the needs and rights of children</i>		Crítica o modo como subestimamos as habilidades das crianças para fazer julgamentos razoáveis. Em nome de proteger as crianças, as ferimos. Às vezes, com crueldade. Holt mostra que as crianças precisam dos mesmos direitos para promover seus próprios interesses e se protegerem como concedemos aos adultos. É uma inspiração para um mundo mais gentil, amoroso e amigável para os jovens. Descreve novas relações familiares, não baseadas no controle dos pais, mas na alegria de experiências e responsabilidades compartilhadas.
1976	<i>Instead of education: ways to help people do things better</i>		Desafio direto e radical de Holt para o <i>status quo</i> educacional e um apelo aos pais para salvar seus filhos de escolas de todos os tipos. Estabelece as bases para a desescolarização como o caminho vital para a aprendizagem auto-dirigida e uma vida criativa.
1981	<i>Teach your own: the John Holt book of homeschooling</i>		Hoje, mais de um milhão e meio de crianças são ensinadas em casa por seus próprios pais. Esse livro, que ajudou a lançar todo o movimento, trata das formas como as crianças chegam a compreender o mundo, além de conter conselhos práticos. Ao invés de propor que os pais transformem suas casas em escolas em miniatura, Holt e Farenga demonstram como pais comuns podem ajudar as crianças a crescer como aprendizes sociais e ativos. Este livro não só tem todas as informações vitais necessárias para ser a "Bíblia" para os pais ensinando seus próprios filhos, como também transmite a crença de John Holt na habilidade de cada criança de aprender com o mundo.
1989	<i>Learn all the time</i>		Publicado após o falecimento de John Holt, sendo que já estava esboçado com grande clareza. Trata-se de um livro sobre o processo de aprendizagem das crianças, reconhecendo o mundo que nos rodeia.

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas informações disponíveis em www.johnholt.com. Acesso em 29 mar 2017.

O Quadro 2 permite, de forma ilustrativa, analisar a produção editorial de John Holt e concluir que sua linha de pesquisa e pensamento se pautou, ao longo dos anos, em demonstrar o processo de aprendizagem das crianças, bem como a possibilidade desse processo ocorrer em casa,

8 Refere-se ao ano de lançamento original da obra.

9 Considerando que praticamente não há obras de John Holt em versão traduzida para o português, com exceção de *Como as crianças fracassam* (1964), *Como as crianças aprendem* (1967) e *Aprendendo o tempo todo* (1989), optei por manter os títulos originais, em inglês, sem tradução.

com pouquíssimo ou nenhum ensino.

Em seu primeiro livro, de 1964, por exemplo, John Holt chega à conclusão de que quando as crianças são forçadas a aprender, elas se tornam preocupadas com sua aprendizagem apenas de forma artificial e desviam o foco dos objetivos a serem aprendidos. Se ocupam mais em agradar os professores e a escola, produzindo respostas que serão recompensadas¹⁰, do que efetivamente direcionando seus esforços para a verdadeira aprendizagem. Assim, como a escola assumiu uma característica de educação em massa, tratando a aprendizagem como uma linha de produção, não sobra muito espaço para o respeito às individualidades e à forma como cada um aprende. Nesse aspecto, as críticas indiretas de John Holt à instituição escolar são no sentido de que a escola não respeitaria a natureza humana no tocante ao modo pelo qual as crianças aprendem e, por isso, mereceria ser desistalada ou, ao menos, reinventada.

Segundo Álvaro Ribeiro (2011), John Holt, quando professor da Universidade de Harvard, acreditava que a eliminação da escolaridade obrigatória era necessária para a construção de uma sociedade mais humana, tendo em vista que, para Holt, cada criança tem uma necessidade “inata e insaciável” de compreender o mundo e qualquer tentativa para regular ou controlar esta necessidade reprime a aprendizagem, já que as escolas seriam “prisões”¹¹ para as crianças, pensadas não para educá-las, mas para mantê-las “sob controle e fora do caminho dos adultos” (RIBEIRO, 2011, p. 65-66).

John Holt dedicou sua vida a estudar como as crianças aprendem e, aos poucos, foi abandonando a sala de aula convencional, pensando em centros de estudos de aprendizagem, iniciando o movimento *homeschooling* em 1967 e afirmando a importância do papel dos pais nesse processo natural de aprendizagem. Ele afirmava que a maioria do que sabia não tinha aprendido na escola e realmente nem sequer lhe tinha sido ensinado¹², na tentativa de comprovar, a partir de si mesmo, sua teoria. Sua perspectiva idealista de educação culminou no termo *desescolarização*, atribuído a ele em sua obra *Teach your own* (1981).

Ivan Illich e John Holt em diálogo

Qual o lugar da discussão da desescolarização hoje? Numa sociedade onde a presença “natural e a-histórica da escolarização”, tendo se universalizado, não só como instituição, mas também como construção mental (SACRISTÁN, 2001, p. 12), qual o cabimento de se debater o pensamento de dois intelectuais tão radicais em sentido contrário a essa universalização da escola?

Diante da naturalização e proliferação das escolas, fenômeno ocorrido ao longo do século XX, sob o argumento de que, “sem elas, cada geração teria que começar do zero ou, como as sociedades que existiram antes das escolas, permanecer praticamente inalterada durante séculos” (YOUNG, 2007, p. 1287), parece contraditório que, neste início de século XXI, essa mesma instituição esteja sendo alvo de críticas e questionamentos que chegam a gerar um estado de crise ou, ao menos, mutação¹³. “A escola foi historicamente produzida em consonância com um mundo que deixou de

10 Comentário baseado na introdução do livro *Aprendendo o tempo todo*, de John Holt, publicado em 2006 pela editora Verus, feito pelo tradutor, Walther Castelli Junior.

11 Michel Foucault também tem sua versão e tece críticas e reflexões sobre a comparação da escola com uma prisão em seu *Vigiar e Punir* (1975).

12 Afirmação disponível em www.johnholt.com.

13 Rui Canário debate os paradoxos da escola no artigo *Escola - crise ou mutação?* (2002). Nesse trabalho, o autor português expõe a escola em suas dimensões política, social e econômica estabelecendo as motivações para o surgimento dessa “crise”, apresentando “pistas” para se (re)pensar a escola.

existir” (CANÁRIO, 2002, p. 148) e, em razão disso, vem sendo contestada e obrigada a se reavaliar. Nesse contexto, natural que as teses da “desescolarização” ganhem força e sustentem os argumentos daqueles que advogam a extinção do modelo escolar como legítimo para garantir o progresso da sociedade. Assim, Ivan Illich e John Holt, intelectuais que deixaram sua contestação à instituição escolar, são revisitados com o propósito de sustentar a tese da “condenação da escola” (MASSCHELEIN e SIMONS, 2015, p. 10).

Nessa verdadeira celeuma, entre a defesa da escola como instituição por excelência, que “serve para proporcionar uma educação geral, que permite que a pessoa participe de forma independente e crítica da sociedade” (MASSCHELEIN e SIMONS, 2015)¹⁴ e um renascimento dos debates da teoria da desescolarização, baseados em argumentos que, não raro, pretendem eliminar a instituição escolar da sociedade, tendo em vista que esta não atenderia à finalidade do aprendizado, parece que a educação, cerne da questão, não vem ocupando o centro dos debates. Onde a pessoa humana se educa? Como adquire educação? A educação depende da escola? É possível o desenvolvimento da educação fora da escola? Responder a essas questões auxiliaria na reflexão sobre (des)necessidade da escola, bem como os efeitos, talvez nefastos, de se desinstalar a instituição escolar das práticas educativas sociais. O debate e reflexão também podem servir para discutir a reinvenção da escola, tendo em vista ser indiscutível que a escola do século XX não tem lugar no século XXI.

Essa crise da instituição escolar não é recente. O sentimento de insatisfação com a escola remonta, pelo menos, ao final dos anos 1960 (CANÁRIO, 2002, p. 141) quando o pensamento de uma pedagogia não exclusivamente escolar começa a tomar forma no meio acadêmico. A publicação de alguns livros¹⁵ nesse período marca um momento de contestação da instituição escolar, motivada pelo desvio dos rumos para os quais a escola foi pensada. O século XX viu surgir uma hegemonia da escola, fazendo com que a educação se desvencilhasse da família e da Igreja e assumisse a escola como sua instituição praticamente exclusiva. Para Saviani (2010, p. 177), o processo de escolarização foi o grande instrumento de participação política e, por isso, a hegemonia da escola se consolidou, na medida em que essa instituição era vista pelos grupos dominantes como meio de transformação do indivíduo em cidadão.

No entanto, essa função de transformação e inserção do indivíduo na sociedade como ente ativo e participante, que foi atribuída à escola, começou a ser contestada. Alguns intelectuais da educação, numa análise sociológica dos rumos que a escola assumiu, passaram a julgar sua atuação sob um ponto de vista negativo e impor severas críticas que a taxaram de reprodutora das desigualdades sociais¹⁶, instrumento de opressão, na medida em que praticava uma educação

14 No livro *Em defesa da escola* (2015), os belgas Jan Masschelein e Maarten Simons exploram a questão pública que motiva o título. Expõem as mazelas pelas quais a escola responde atualmente, mas indicam motivos para sua manutenção social, na medida em que a escola seria mais do que um mero ambiente que presta serviços de aprendizagem. Até porque, no mundo tecnológico em que vivemos, qualquer ambiente virtual substituiria essa função de aprendizagem da escola. Não é sobre aprendizagem, é sobre um direito público conquistado que os autores de *Em defesa da escola* se manifestam.

15 Rui Canário, em seu ensaio *Escola - crise ou mutação?* (2002), cita os livros de Paulo Freire (*Pedagogia do oprimido*, 1974), de Ivan Illich (*Sociedade sem escola*, 1971) e de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (*A reprodução*, 1970) como marcos desse período de auge do pensamento alternativo à escola.

16 Segundo Bourdieu e Passeron em *A Reprodução: elementos para uma teoria dos sistema de ensino* (1970).

“bancária”¹⁷, negando a aprendizagem natural do ser humano¹⁸ e polarizando a sociedade sob o ponto de vista econômico¹⁹. A escola teria se tornado quase um “mal necessário”.

Estudos mais recentes²⁰, a respeito dos problemas que a escola enfrenta, continuam a expor “acusações” a esta instituição que seria responsável por alienar os jovens de si mesmos ou do seu entorno social, por reproduzir a desigualdade social, estando a escola a serviço do capital econômico, por ser um lugar onde os jovens não gostam de ir, por não ser eficaz nos objetivos que se propõe e pela demanda de uma reforma indispensável (MASSCHELEIN e SIMONS, 2015).

Todo esse pano de fundo, de críticas à escola, contribui para fazer ressurgir, nestas duas primeiras décadas do século XXI, retomando o movimento dos anos 1960, a discussão das teorias de desescolarização da sociedade e, com isso, nos valem do diálogo proporcionado por Ivan Illich e John Holt. “A educação retoma a sua concepção mais ampla, sendo entendida como o processo integral de ensinar e aprender, para além das delimitações da escola” (VASCONCELOS e MORGADO, 2014, p. 209). Sem a necessidade ou intenção de indicar um posicionamento a favor ou contra, ainda porque não é objetivo deste artigo defender ou acusar, seja a escola ou o movimento de desescolarização, visto que não estamos num Tribunal, mas tão somente refletir sobre as ideias com o objetivo de fomentar a discussão pedagógica, sendo saudável expor a diversidade de metodologias educativas, haja vista a importância da teoria da desescolarização no atual cenário de debate da regulamentação legal da educação domiciliar no Brasil²¹. Afinal, é na diversidade de ideias que evoluímos como estudantes, como pesquisadores, como pessoas humanas, enfim. E, nessa diversidade, o discurso político e pedagógico de Illich e Holt, só fazem contribuir, pois as antíteses também podem reforçar, muitas vezes, as teses.

Referências

ANDRADE, Édison Prado de. *A Educação Familiar Desescolarizada como um Direito da Criança e do Adolescente: relevância, limites e possibilidades na ampliação do Direito à Educação*. 2014, 522p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2014.

CANÁRIO, Rui. Escola - crise ou mutação? In *AAVV, Espaços de Educação, Tempos de Formação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas, 2002, p. 141-151.

GAJARDO, Marcela. *Ivan Illich*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

GOMES, Angela de Castro e HANSEN, Patricia Santos. *Intelectuais mediadores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HOLT, John. *Como as crianças aprendem*. Campinas: Verus, 1999.

_____. *Aprendendo o tempo todo: como as crianças aprendem sem ser ensinadas*. Campinas: Verus, 2006.

ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

17 Segundo Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1974).

18 Segundo John Holt em *Aprendendo o tempo todo* (1989).

19 Segundo Ivan Illich em *Sociedade sem escolas* (1971).

20 Segundo Jan Masschelein e Marteen Simons em *Em defesa da escola*. Os autores expõem de início as “acusações” que a escola recebe atualmente para, depois, apresentarem as teses em defesa da escola.

21 Existem, atualmente, em tramitação no Congresso Nacional, dois projetos de lei que dizem respeito à introdução explícita da educação fora da escola, “na casa”, sob a responsabilidade exclusiva da família. Trata-se do PL n.º 3.179/2012 e do PL n.º 3.261/2015.

- LINES, Patrícia M. *Homeschoolers: estimating numbers and growthl*. 1999. Disponível em <http://library.smartyx.edu/acadlib/edocs/homeschoolers.pdf>. Acesso 21 abr 2014.
- MASSCHELEIN, Jan e SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão pública*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- MOREIRA, Alexandre Magno Fernandes. *O direito à educação domiciliar*. Ebook disponível em https://www.researchgate.net/publication/303551238_O_direito_a_educacao_domiciliar (maio) 2016. Acesso 23 nov 2016.
- NOGUEIRA, Maria Alice e NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. *Bourdieu & a educação*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- RIBEIRO, Álvaro Manuel Chaves. *O ensino doméstico e a organização escolar: um contributo sociológico-organizacional sobre a realidade portuguesa*. 344f. Dissertação (Mestrado). Ciências da Educação, Universidade do Minho, Portugal, 2011.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. *A educação obrigatória: seu sentido educativo e social*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. 3ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2010.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 231-269.
- VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; MORGADO, José Carlos Bernardino Carvalho. Desafios à escolarização obrigatória: a inserção do homeschooling na legislação educacional no Brasil e em Portugal. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação* - Periódico científico editado pela Anpae, Recife, v. 30, n. 1, 2014. pp. 203-230.
- YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? *Educ. Soc.* Campinas, vol 28, n. 101, set./dez. 2007, p. 1287-1302.